

CAPÍTULO XIV

Conclusão Política

O MODO DE PRODUÇÃO tecnoburocrático distingue-se, assim, claramente do modo asiático de produção, do capitalismo e do socialismo. Mantém com cada um desses modos de produção características comuns. Compartilha do modo asiático de produção da propriedade estatal e do caráter burocrático. É semelhante ao capitalismo, na medida em que os instrumentos de produção foram separados dos trabalhadores. Com o socialismo só tem em comum o fato de que a propriedade privada dos meios de produção foi eliminada. Distingue-se dele pelo fato de ser uma sociedade de classes ou um modo antagônico de produção, por estar baseado no autoritarismo político e na apropriação do excedente por uma minoria.

A constatação histórica da emergência de um modo estatal de produção é da maior importância teórica. Passamos a dispor de um poderoso instrumento de análise, que nos permite compreender de forma muito melhor a estrutura e a dinâmica das formações sociais contemporâneas. Não devemos, no entanto, esquecer que qualquer formulação teórica só ganha sentido real se for politicamente engajada. A neutralidade ideológica nas ciências sociais é uma ideologia conservadora e estéril, destinada a mistificar o sentido da história a serviço das classes dominantes. A primeira condição para validar uma teoria é estar ela embricada na prática e comprometida com a transformação social. Só sob esta condição poderá a teoria esclarecer decisivamente o processo histórico e orientar a ação política no sentido

do socialismo.

A tese da emergência da tecnoburocracia foi muitas vezes utilizada por ideólogos do capitalismo sob várias formas. A burocratização das empresas e do Estado, a revolução dos gerentes, a profissionalização dos administradores, o despontar de uma sociedade pós-industrial, o poder crescente da tecnostutura são teses que têm sido utilizadas por muitos analistas como uma forma de legitimar o sistema capitalista monopolista de Estado vigente nos países industrializados. Excetuados alguns autores, como Galbraith ou Touraine, a maioria deles usa dessas teorias para expressar uma ideologia tecnoburocrático-capitalista que sugere a paulatina transformação do capitalismo em uma espécie de meritocracia, em que os mais capazes e não os mais ricos, em um mundo de igualdade de oportunidade, alcançam as posições de maior prestígio e poder. Esta é a ideologia típica do capitalismo das grandes organizações burocráticas públicas e privadas, que tem em Adolf Berle e Peter Drucker dois de seus mais representativos ideólogos. Uma outra posição, aparentemente oposta, é a dos que criticam os tecnoburocratas e as grandes organizações burocráticas, seja em nome de um capitalismo competitivo e liberal, típico do século passado, seja em nome de um utopismo reformista qualquer, na linha de Ivan Ilitch. Em ambos os casos, porém, a luta de classes é sistematicamente ignorada. Em seu lugar surge o conflito entre Estado burocrático e sociedade civil, ou então entre grandes empresas burocráticas e consumidores, dependendo das características mais liberais ou mais utópicas do analista. Em qualquer hipótese, porém, tanto os arautos da revolução dos gerentes quanto os seus denunciadores capitalistas ou utópicos reformistas têm em comum o reconhecimento de que o capitalismo está sendo substituído por um novo sistema. Os primeiros vêem o fenômeno com alegria, os dois últimos com preocupação, mas os três grupos somam-se no processo de, através desta colocação, minimizar os conflitos reais de classe existentes no capitalismo moderno. Provavelmente a fidelidade a Marx e a necessidade de distinguir-se de tão incômodos parceiros têm levado os socialistas a negar a realidade de um fenômeno que precisa ser analisado e denunciado nos quadros da evolução histórica do capitalismo.

No caso da crítica burguesa conservadora à estatização em nome dos velhos princípios do capitalismo competitivo existe um problema adicional. No momento em que a União Soviética é identificada como uma formação social em que o modo de produção estatal é dominante, a burguesia se vê armada de um poderoso instrumento para criticar o socialismo. Socialismo é identificado com estatização e esta com totalitarismo. Esse tipo

de análise vem se tornando cada vez mais freqüente da parte daqueles que querem voltar aos bons tempos do capitalismo competitivo ou pelo menos que querem paralizar a história na atual fase do capitalismo monopolista de Estado.

Os socialistas, por sua vez, diante da verificação de que o socialismo não sucede necessariamente o capitalismo, como o caso da União Soviética deixa patente, necessitam revisar toda uma série de conceitos e estratégias. Para estabelecermos uma sociedade socialista não basta estatizar os meios de produção. Com isto ficaremos no estatismo. Não basta, inclusive, que o proletariado assuma o controle do Estado. Porque esse assumir só será real, se conjuntamente, forem eliminadas as relações tecnoburocráticas de produção, for extinta a propriedade organizacional ou estatal. Isto só seria possível quando desaparecer a hierarquia e a organização burocrática da produção e caminharmos decididamente no sentido de um sistema de auto-gestão efetivamente democrático, no qual os trabalhadores, não mais distinguidos entre trabalhadores manuais e não-manuais, administrem as empresas, elegendo dirigentes temporários em todos os níveis. Neste caso, e desde que o processo democrático se estenda desde as menores associações até o Estado, poderemos ter um Estado dos trabalhadores no seio de uma sociedade democrática e sem classes.

Mas a análise do modo estatal de produção deixa claro também que o objetivo socialista não será facilmente alcançável. De acordo com Marx era fácil ser otimista, à medida que se acreditava na necessidade histórica do socialismo. Agora não podemos mais ter esta esperança. O simples desenvolvimento das forças produtivas nos leva ao estatismo e não ao socialismo. Só poderemos conservar o otimismo em relação ao futuro socialista da humanidade à medida que aceitamos o pressuposto também marxista de que o homem é cada vez mais senhor de seu destino; que o materialismo histórico vai aos poucos transformando a sociedade de um amálgama opaco em um todo cada vez mais transparente, e que, nestes termos, os homens, armados de visão crítica e revolucionária do mundo, terão condições de, mais cedo ou mais tarde, por formas preferivelmente pacíficas, intervir na história e estabelecer uma sociedade socialista. Esta não é uma visão idealista do mundo à medida que a prática teórica que der substrato a essa transformação estiver profundamente comprometida com os trabalhadores, e à medida que aceitarmos o postulado de que a luta de classes é cada vez mais importante, em relação ao desenvolvimento das forças produtivas, na determinação dos rumos da história.

Por outro lado, a ameaça representada pela tecnoburocracia deixa claro

que o advento do socialismo só é historicamente possível quando os trabalhadores e frações consideráveis de burguesia e da tecnoburocracia (estudantes, intelectuais, religiosos etc.) estiverem ideologicamente preparados. Isto não significa que devemos primeiro realizar a mudança das consciências e depois a implantação do socialismo. O processo deverá ser simultâneo e dialeticamente inter-relacionado. Em outras palavras, nem a revolução a qualquer preço nem o reformismo procrastinador são estratégias políticas que podem ser deduzidas da constatação da existência de um modo estatal de produção. Reforma e revolução, tomada de consciência e modificação das relações de produção, vontade e condicionamento histórico deverão conjugar-se dialeticamente no processo de transformação social.